

A desinformação como estratégia política: uma análise dos discursos presidenciais durante a pandemia da covid-19

Erivelto Amarante¹

<http://orcid.org/0000-0003-4158-3444>

Resumo: O artigo analisa os discursos do presidente Jair Bolsonaro durante a pandemia da covid-19. O objetivo é entender as estratégias argumentativas presentes nas desinformações mais comuns usadas pelo líder brasileiro. O *corpus* é constituído de 687 declarações proferidas entre janeiro e setembro de 2020. Para a metodologia combinamos a análise de conteúdo quantitativa com a análise crítica do discurso proposta por Van Dijk. O resultado apontou que a maior parte das falas de Bolsonaro sobre a pandemia traziam informações imprecisas e insustentáveis. As frases mais repetidas visavam controlar o contexto para terceirizar a culpa e defender a volta à normalidade.

Palavras-chave: Desinformação. Pandemia da covid-19. Análise de discurso. Jair Bolsonaro.

¹ Doutorando em Ciência Política pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), mestre em Comunicação pela UFPR. Bolsista Capes. E-mail: novo.eri@gmail.com

Disinformation as a political strategy: an analysis of presidential speeches during the covid-19 pandemic

Abstract: The paper analyzes President Jair Bolsonaro's speeches during the covid-19 pandemic. The objective is to understand the argumentative strategies present in the most common misinformation used by the Brazilian leader. The corpus consists of 687 statements made between January and September 2020. For the methodology, we combine the quantitative content analysis with the critical discourse analysis proposed by Van Dijk. The result showed that most of Bolsonaro's speeches about the pandemic contained inaccurate and unsustainable information. The most repeated phrases aimed to control the context to outsource guilt and defend the return to normality.

49

Keywords: Disinformation. Covid-19 pandemic. Discourse analysis. Jair Bolsonaro.

La desinformación como estrategia política: un análisis de los discursos presidenciales durante la pandemia del covid-19

Resumen: El artículo analiza los discursos del presidente Jair Bolsonaro durante la pandemia del covid-19. El objetivo es comprender las estrategias argumentativas presentes en la desinformación más común utilizada por el líder brasileño. El corpus consta de 687 afirmaciones realizadas entre enero y septiembre de 2020. Para la metodología, combinamos el análisis cuantitativo de contenido con el análisis crítico del discurso propuesto por Van Dijk. El resultado mostró que la mayoría de los discursos de Bolsonaro sobre la pandemia contenían información inexacta e insostenible. Las frases más repetidas tenían como objetivo controlar el contexto para externalizar la culpa y defender el regreso a la normalidad.

50

Palabras clave: Desinformación. Pandemia de Covid-19. Análisis del discurso. Jair Bolsonaro.

Introdução

A pandemia da covid-19 exigiu dos governantes em todo o mundo respostas rápidas e eficazes para conter os avanços da doença e seus efeitos na saúde pública e em diferentes setores da sociedade. Enquanto boa parte das lideranças políticas reconheceram a gravidade da doença e optaram por se basear na ciência, algumas foram no sentido oposto, negando a gravidade do problema e usando a desinformação como estratégia política. Entre eles, destaca-se o presidente brasileiro Jair Bolsonaro, que desde o início da pandemia subestimou a doença e passou a apoiar o seu discurso em informações imprecisas e sem respaldo científico. Tal comportamento gerou críticas no Brasil e no exterior. O jornal *The Washington Post* classificou num editorial², em 14 de abril de 2020, o chefe de governo brasileiro como o pior líder mundial a comandar uma reação contra o novo coronavírus.

Não foi só a imprensa que registrou o descaso de Bolsonaro diante da maior crise sanitária vivida pelo Brasil. Os primeiros artigos sobre a pandemia encontrados na literatura também questionam a atuação do presidente no combate ao novo coronavírus. Tavares *et al* (2020) analisaram os discursos do líder brasileiro durante a covid-19 propagados nos jornais e revelaram as tentativas de negação ou minimização dos riscos da doença. Em uma das frases, o mandatário mencionou que “o brasileiro pula em esgoto e não acontece nada” e também criticou o “alarme da mídia” sobre as mortes registradas. “Tal discurso influenciou parte da população, fazendo com que muitos que vivem no Brasil descreditassem do poder letal do vírus, fato que provocou protestos contra o isolamento” (TAVARES *et al*, 2020, p. 12).

Recuero & Soares (2020) analisaram a circulação de desinformação sobre uma potencial cura para a covid-19 no Twitter durante 10 dias em março de 2020. Após monitorarem 57.295 tweets brasileiros, os autores concluíram que houve um alinhamento das informações inverídicas com o discurso de apoio ao presidente Bolsonaro. “Em geral, identificamos que a disputa discursiva no caso analisado se deu principalmente entre usuários que produzem desinformação, ancorados nas declarações de Bolsonaro” (RECUERO & SOARES, 2020, p. 24). Santos & Fossa (2020) observaram a disputa política entre o governador de São Paulo, João Doria,

² Disponível em <https://wapo.st/3lP4yHE>. Acesso em 27 abr. 2021.

e Jair Bolsonaro por meio da análise de discurso. Eles concluíram que o embate entre ambos ficou marcado pela estigmatização do adversário, usando expressões em tom difamatório com objetivo de construir imagens pejorativas do oponente.

Diante do exposto, o diferencial deste trabalho está no fato de analisarmos um grande volume de declarações de Jair Bolsonaro sobre a pandemia da covid-19 entre janeiro e setembro de 2020, totalizando 687 frases proferidas em diversos espaços, como em entrevistas à imprensa, em publicações nas mídias sociais e pronunciamentos oficiais. Para isso, utilizamos como aporte metodológico a análise de conteúdo quantitativa nos moldes propostos por Bardin (2010). Entre as categorias analisadas, vamos identificar as declarações mais repetidas no decorrer do período. A partir desse dado, utilizamos como referência a Análise Crítica do Discurso (ACD), de Van Dijk (1999, 2000, 2006), para a discussão dos resultados. Os procedimentos metodológicos serão detalhados em seção específica. Tratamos agora do fenômeno da desinformação e das chamadas *fake news*.

A era da desinformação

A eleição presidencial de 2016 nos Estados Unidos que elegeu Donald Trump é considerada um marco para as discussões públicas envolvendo o uso de desinformação nos meios digitais para a obtenção de ganhos políticos. Para Alcott & Gentzkow (2017, p. 213), as notícias falsas são aquelas cujos “artigos de notícias são intencionalmente e verificadamente falsos e podem enganar os leitores”. No entanto, o fenômeno de disseminar informações imprecisas ou totalmente inverídicas não é novo. Canavilhas & Ferrari (2018) argumentam que nem sequer é resultado das novas tecnologias. “A origem da palavra portuguesa ‘pasquim’, usado para mencionar um jornal de baixa qualidade, tem origem na estátua ‘Pasquino’ onde os romanos afixavam escritos difamatórios anônimos” (CANAVILHAS & FERRARI, 2018, p. 30).

Mas por que as notícias falsas se tornaram tão populares? Nielsen & Graves (2017) argumentam que duas mudanças estruturais ajudam a explicar as discussões atuais sobre as *fake news*. A primeira é uma crise de confiança em muitos países entre o jornalismo profissional e outras instituições públicas, incluindo os atores políticos. A segunda é a mudança para um ambiente cada vez mais digital, móvel e de mídia social, diferente daquele dominado pela radiodifusão e impressão até o século XX.

Para Tandoc, Lim & Ling (2017, p. 148), os significados em torno das notícias falsas podem ser observados a partir de duas dimensões: o grau de “facticidade” do conteúdo e a intencionalidade do criador em enganar ou ludibriar o público. Jack (2017) lembra que o termo *fake news* também passou a ser usada por atores políticos e seus seguidores para desacreditar o conteúdo da mídia convencional, confundindo a interpretação do termo.

A desinformação não poupou nem mesmo a pandemia da covid-19. A UNESCO publicou um documento alertando para os riscos. Posetti & Bontcheva (2020, p. 6) descreveram na publicação³ “Desinfodemia” nove tipos de desinformação relacionadas à covid-19. São eles: (1) origem e propagação da doença, quando envolvem teorias conspiratórias; (2) estatísticas falsas sobre a taxa de incidência ou de mortalidade; (3) impactos econômicos, quando associa o isolamento a prejuízos financeiros; (4) desacreditar a imprensa; (5) sintomas e tratamento, sem respaldo científico; (6) impactos sociais e ambientais, com mensagens de pânico envolvendo abastecimento de insumos; (7) partidarização da doença; (8) golpes financeiros; e (9) uso de celebridades que teriam sido diagnosticadas com a doença.

Discurso político

O termo discurso político é abrangente e usado para todos os tipos de comunicação verbal (escrita, oral e multimodal) referentes a contextos e atores políticos, incluindo governos, partidos, empresas, jornalistas, mídias sociais, bem como cidadãos comuns e movimentos sociais. Foucault (1997) teve influência decisiva no desenvolvimento da teoria do discurso político, tendo associado o termo ao funcionamento sistêmico do poder em múltiplos contextos sociais. Para ele, as declarações individuais não devem ser interpretadas isoladamente, pois criam significados através de sua interação com outros conjuntos de discursos dominantes que ajudam a manter e reproduzir o poder, as visões de mundo preferidas, os sistemas cultural e econômico. Outras vertentes teóricas se concentraram nas bases dos trabalhos de Antonio Gramsci e suas definições de hegemonia e senso comum, bem como nas de Stuart Hall sobre codificação e decodificação.

³ Disponível em <https://bit.ly/2SZFuS7>. Acesso em 27 abr. 2021.

O discurso político também é tratado a partir da ótica da linguagem, deliberação e democracia, normalmente conhecida como teoria “normativa” do discurso. Essa corrente tem no filósofo e sociólogo alemão Jürgen Habermas um dos seus principais proponentes. Para este artigo, nos interessa o conceito de Van Dijk (1999) que considera o discurso político como eventos comunicativos verbais envolvendo atores, receptores, questões e contextos como uma maneira de “fazer política” (p. 14). Ele estabelece três dimensões que vão compor o sentido do termo “discurso”: 1) o uso da linguagem; b) a cognição ou comunicação de crenças; e 3) a interação em situações de índole social. Van Dijk (2006) também ressalta que o discurso ideológico de um determinado grupo costuma enfatizar seus pontos positivos em detrimento do ponto de vista de outros grupos.

Van Dijk (2006) chama atenção para a assimetria observada entre o topo e a base das estruturas por onde o discurso político nasce e transita. Nesse sentido, as classes privilegiadas, incluindo atores políticos e instituições, possuem acesso irrestrito aos eventos discursivos, participando de suas decisões e da escolha do que será conhecido ou não, o que acaba facilitando o controle e o abuso do poder sobre o receptor, que não participa das decisões. Van Dijk (2006, p.23) argumenta que esse processo de controle do discurso político “influencia a mente das pessoas, e, em última instância, suas ações”. Como resultado, a doutrinação ou persuasão que ocorre nessa etapa suprime a necessidade de coerção imediata.

Para Van Dijk (2006) os atores políticos se utilizam de estratégias para preservar e reforçar o controle e o poder, escondendo do público as suas verdadeiras intenções para manter o controle e a influência sobre as pessoas e suas mentes. Nesse aspecto, a análise do discurso precisa considerar os “detalhes discursivos” e interacionais envolvidas no processo, que passa ainda pelo “*timing*”, os conteúdos por eles divulgados e as conversações em entrevistas com jornalistas. Para o autor, a análise não deve contemplar apenas as propriedades do texto ou da conversação, mas também precisam considerar o que determina o contexto, incluindo as características sociais ou de comunicação que podem influenciar a interação.

Por fim, os estudos críticos do discurso estão interessados nos grupos e organizações que controlam de alguma forma o que é proferido ou divulgado publicamente. Nesse prisma, o discurso exerce um papel central no exercício de poder. Uma vez que expressa cognição social e pode “gerenciar mentes”, equipara-se a outras formas de dominação, como leis e ordens. Recuero & Soares

(2020, p. 5) entendem a desinformação como “um tipo de discurso que disputa visibilidade e legitimação” e abrange uma pluralidade de tipos de conteúdo. Para Rasquel (2019), a desinformação é um dos tipos de abuso de poder presentes no discurso político e pode se apresentar de forma generalizada como: “é bom para o país” ou “é necessário à nossa economia” (RASQUEL, 2019, p. 17).

Confiança da informação

A disseminação de desinformação nos ambientes digitais demandou uma reação do jornalismo profissional, que respondeu com a criação de serviços e editorias voltadas exclusivamente para a checagem de fatos. De acordo com Graves (2018), o primeiro serviço de checagem de fatos foi o *FactCheck.org*, criado nos Estados Unidos em 2003 pelo *Annenberg Public Policy Center* da Universidade da Pensilvânia. Desde então, foram surgindo outras experiências similares ao redor do mundo. No Brasil, o serviço Aos Fatos foi criado em julho de 2015, um dos primeiros do segmento. Também nesse período, surgiram no país a Agência Lupa, Boatos.org e Truco, todos independentes.

Em 2015, foi criada a *International Fact-Checking Network* (IFCN), uma organização profissional que reúne os principais checadores de fatos do mundo. A entidade produziu um Código de Ética e de Princípios, que devem ser seguidos por todos os seus membros. Para Ünver (2020), a IFCN “é tanto um selo de qualidade quanto um mecanismo de avaliação de objetividade verificada externamente, que concede aos membros maior influência sobre a luta contra a desinformação” (ÜNVER, 2020, p. 6).

No Brasil, Aos Fatos é signatário do Código de Princípios da IFCN. A plataforma, mantida com doações e parcerias com empresas, produz diariamente conteúdo destinado a esclarecer a propagação de peças de desinformação que circulam no Brasil, especialmente nas mídias sociais. Além disso, também faz a checagem da veracidade do discurso das autoridades. Desde 1º de janeiro de 2019, possui um banco de dados⁴ voltado para a verificação das declarações do presidente Jair Bolsonaro. Segundo o levantamento, em 654 dias no cargo, ele já havia dado 1.744 declarações falsas ou distorcidas.

⁴ Disponível em <http://bit.ly/discfatos>. Acesso em 27 abr. 2021.

Metodologia

Este estudo tem o objetivo de analisar as declarações de Jair Bolsonaro sobre a pandemia da covid-19 para entender como a desinformação se articula com a manipulação e o abuso de poder. Para isso, optamos por utilizar o banco de dados do serviço de checagem Aos Fatos, que verifica os discursos do presidente desde a posse no cargo. O recorte considera o período entre janeiro e setembro de 2020, intervalo que compreende a chegada da doença ao país; o registro dos primeiros casos; e o pico do contágio e do número de mortes da primeira onda. Ao todo, o *corpus* é constituído de 687 declarações sobre a covid-19 proferidas nos mais diferentes meios, como em entrevistas à imprensa, nas mídias sociais e em pronunciamentos oficiais.

A análise pretende testar duas hipóteses. A primeira considera os tipos mais comuns de desinformação utilizadas pelo presidente Jair Bolsonaro em suas declarações sobre a covid-19. Para essa etapa, vamos utilizar a classificação de Ponce & Rincón (2020, p. 186), que mapearam as principais tipologias usadas pela IFCN. São elas: (1) verdadeiro; (2) impreciso, quando necessita de um contexto; (3) exagerado, quando dados são superestimados; (4) insustentável, quando as premissas não podem ser nem refutadas nem confirmadas; (5) contraditório, quando o fato é o oposto do informado; (6) distorcido, com fragmentos de verdade; e (7) falso, completamente inverídico. O resultado esperado para a primeira hipótese (H1) é de que a maior parte das declarações do presidente sobre a pandemia sejam imprecisas ou insustentáveis.

Também vamos considerar as declarações mais repetidas de Bolsonaro ao longo do período e analisar as estratégias argumentativas mais recorrentes no discurso do presidente. Para essa hipótese, consideramos tanto os trabalhos já publicados sobre a pandemia no Brasil (RECUERO & SOARES, 2020; TAVARES *et al*, 2020) – que apontam a retórica negacionista do governo como estratégia política –, como os estudos críticos do discurso de Van Dijk (1999, 2000, 2006) que tratam do abuso de poder de grupos dominantes como forma de “gerenciar mentes”. Assim, a segunda hipótese (H2) é de que as declarações mais repetidas trazem a desinformação como abuso de poder, utilizando recursos linguísticos para convencer o público a acreditar na narrativa mais conveniente ao presidente.

Para a primeira hipótese vamos utilizar a metodologia da análise de conteúdo. Levando em conta o número do *corpus* (N = 687), optamos pela abordagem quantitativa nos moldes propostos por Bardin (2010), que considera a

categorização como procedimento “que dá a conhecer índices invisíveis, ao nível dos dados em bruto” (BARDIN, 2010, p. 147). Desse modo, optamos por apresentar os resultados considerando as seguintes categorias: periodização das declarações; meios de propagação; e tipos de desinformação. Para a segunda hipótese, vamos utilizar a Análise Crítica do Discurso (ACD) tendo como referencial os estudos de Van Dijk (1999, 2000, 2006). Nesse caso, aplicado para a última categoria, que apresenta as frases mais recorrentes no discurso do presidente durante a pandemia da covid-19. Isso posto, apresentamos a seguir os resultados da pesquisa empírica e a discussão dos dados.

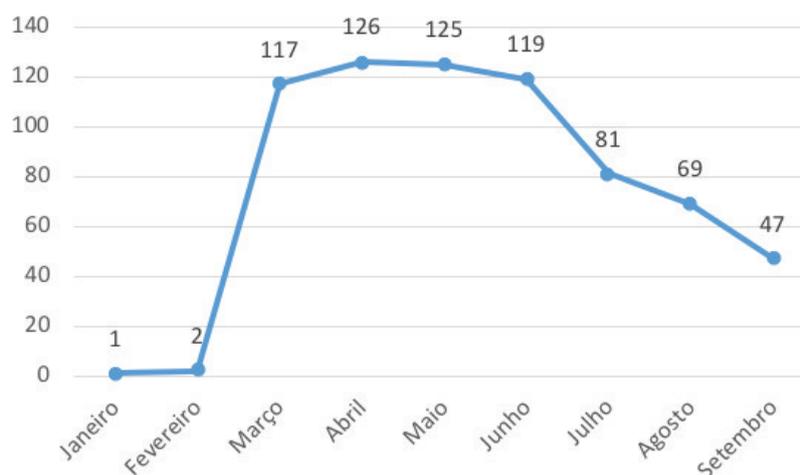
Resultados

A primeira categoria verifica quantitativamente as declarações dadas por Jair Bolsonaro durante todo o período de coleta do *corpus*, entre janeiro e setembro de 2020. O objetivo é perceber os meses que receberam mais atenção do presidente para o assunto e contrastar com os fatos mais significativos do período. Conforme o **Gráfico 1**, a pandemia foi quase ignorada pelo líder de direita nos dois primeiros meses do ano. Entre janeiro e fevereiro, o vírus ainda era visto como um problema distante. O fato que mais repercutiu foi a repatriação de 34 brasileiros que viviam na cidade chinesa de Wuhan, onde a covid-19 foi identificada pela primeira vez. Eles ficaram de quarentena por 14 dias na Base Aérea de Anápolis, em Goiás. Uma das declarações de Bolsonaro repercutia justamente esse episódio. Apenas no final de fevereiro, é que começaram a aparecer os primeiros casos suspeitos de contaminação no país, todos importados.

O carnaval ocorreu no fim daquele mês, oficialmente dia 25. Em março, o novo coronavírus passou a dominar boa parte dos assuntos públicos em discussão na imprensa e na sociedade. Naquele momento, os primeiros casos foram confirmados pelas autoridades sanitárias, e o vírus passou a se espalhar rapidamente pelo país, com transmissão interna. Em 17 de março, foi confirmada a primeira morte em São Paulo. As declarações de Bolsonaro acompanharam o ritmo da pandemia e cresceram enormemente no período. Saltando de 2 para 117 no intervalo de um mês. Em 24 de março, o presidente fez um pronunciamento em cadeia de rádio e televisão para tratar do novo coronavírus. Contrariando a recomendação de especialistas em saúde pública em todo o mundo, ele criticou

o pedido para as pessoas ficarem em casa, uma das medidas para evitar a propagação em massa da covid-19. Além disso, culpou a imprensa por espalhar o que chamou de “sensação de pavor” e disse que caso ele contraísse o vírus, seria apenas uma “gripezinha”.

Gráfico 1 – Periodização dos discursos sobre a covid-19



Fonte: Elaboração própria

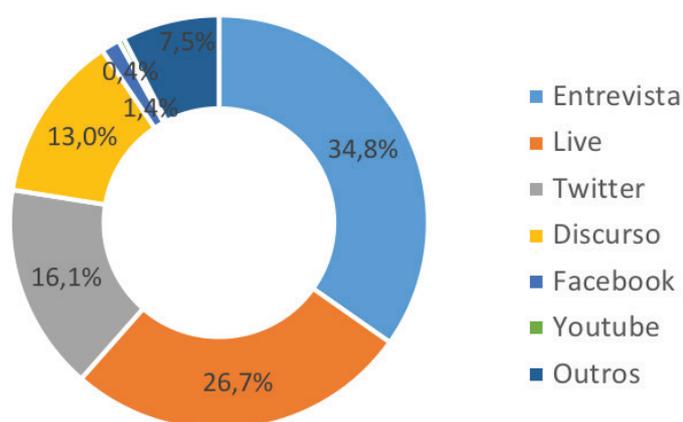
A maior quantidade de declarações de Bolsonaro sobre a pandemia foi registrada entre março e junho. Ao todo, foram 487 menções, o que equivale a 70% de todo o *corpus*. Esse período ficou marcado pelo aumento no número de casos e mortes; pela aprovação do auxílio emergencial; pela saída de dois ministros da Saúde; e por medidas de restrições de circulação nos estados e municípios, após uma decisão do STF dar autonomia às autoridades dos entes federados para decretar as medidas que julgassem necessárias para conter a propagação do vírus. Boa parte das declarações do presidente criticava as iniciativas de governadores e prefeitos em decretar as medidas necessárias de distanciamento social, ou *lockdown*; defendia, sem comprovação científica, o fármaco hidroxicloroquina para tratar a doença; e minimiza os efeitos clínicos da covid-19, alertando para os riscos de desemprego e fechamento de empresas.

A partir de julho, os discursos do presidente que faziam menção ao novo coronavírus passaram a cair consideravelmente, de 87 para 47 declarações. Nesse intervalo, o país registrou a marca de 100 mil mortes, número alcançado em menos de cinco meses. O próprio Bolsonaro testou positivo para a covid-19, em 7 de julho. Em entrevista à imprensa para anunciar o diagnóstico, ele retirou a máscara de proteção facial, expondo os profissionais ao vírus.

A contaminação foi usada pelo presidente para intensificar a defesa do medicamento contendo hidroxicloroquina. Observa-se que as declarações se referiam ao número de recuperados; criticavam os meios de comunicação por informarem o total de vítimas fatais, além de apelar para a volta das pessoas à normalidade. O resultado apontou que uma das estratégias nesses últimos meses foi justamente evitar tratar da pandemia para reduzir a repercussão sobre o tema, considerando que o próprio presidente se mostrava saturado do assunto.

A segunda categoria apresenta a origem das declarações proferidas por Bolsonaro ao longo dos meses analisados, contemplando os diferentes meios em que foram proferidas. De acordo com o **Gráfico 2**, a maior parte das frases que tratavam da pandemia foram captadas de entrevistas do presidente à imprensa, principalmente de coletivas diárias realizadas em frente ao Palácio do Alvorada, residência oficial. Ao todo, 240 entrevistas abordaram a covid-19, o que representa mais de um terço do total. Aquela era a situação mais desconfortável para o presidente, pois ele era confrontado pelos jornalistas sobre a sua atuação na pandemia. Em muitos casos, Bolsonaro se irritou com as perguntas e chegou até mesmo a ofender os profissionais que cumpriam sua função. Em 24 de agosto, ao ser questionado sobre as 115 mil mortes registradas no país, o líder de direita disse que “quando [a covid-19] pega num bundão de vocês [repórteres] a chance de sobreviver é bem menor”.

Gráfico 2 – Origem das declarações



Fonte: Elaboração própria

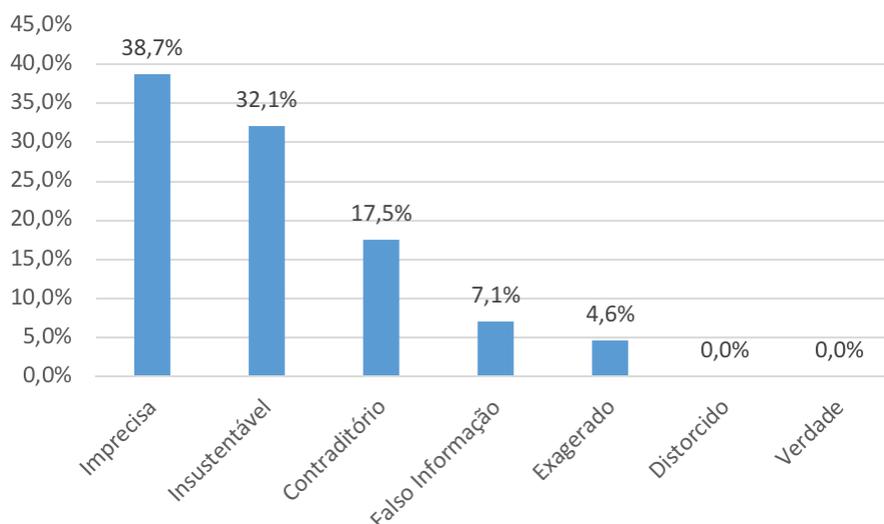
As crescentes hostilidades de Bolsonaro e seus seguidores nas entrevistas durante o auge da primeira onda da pandemia motivou alguns veículos de imprensa, incluindo o Grupo Globo e a Folha de S. Paulo, a deixarem de enviar

suas equipes para o Alvorada. Por sua vez, nas transmissões ao vivo feita por suas mídias sociais, o presidente se sentia confortável para expor seu ponto de vista e seu descontentamento com os críticos. Esse meio foi o segundo mais utilizado por Bolsonaro, com um total de 184 declarações sobre a covid-19. Em 6 de agosto, quando o Brasil chegou ao número de 100 mil mortes, o presidente participou de uma *live* afirmando que o trabalho do ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, o terceiro a ocupar a pasta durante a pandemia, “vem dando certo até o momento, apesar de muitos criticarem por ser militar”. Ele também recomendou a hidroxiclорquina para pacientes de covid-19. Para encerrar a transmissão, sua frase de despedida dizia “vamos tocar a vida e achar uma maneira de se safar” do vírus.

O Twitter foi outra mídia social usada por Bolsonaro para tratar da covid-19. A plataforma aparece em terceiro lugar, com 111 declarações registradas entre os meses de janeiro e setembro. Em 16 de maio, ele publicou que o *lockdown* teria como consequência “o desemprego, a fome e a miséria” e classificou a medida recomendada por autoridades sanitárias em todo o mundo como “tirania do isolamento total”. Boa parte dos tweets presidenciais eram em defesa da cloroquina, como em 7 de julho, quando anunciou que estava fazendo uso do fármaco para se tratar do vírus. Em 9 de agosto, ao repercutir uma reportagem da TV Globo sobre as 100 mil mortes da doença, ele postou na rede social que “a desinformação mata mais até que o próprio vírus”. Em seguida, aparece em quarto lugar os discursos públicos diretos do presidente, com 90 menções sobre a covid-19. Por sua vez, o Facebook aparece com apenas 10 postagens sobre o tema.

A terceira categoria analisa as declarações de Bolsonaro considerando os tipos de desinformação mais comuns. Para essa etapa, utilizamos a classificação de Ponce & Rincón (2020, p. 186). Conforme o **Gráfico 3**, a maior parte das frases trazem informações imprecisas sobre a pandemia, com um total de 159 falas. Em 28 de junho, uma postagem no Twitter dava conta de que o governo federal havia destinado ao estado do Ceará, um dos mais atingidos naquele momento, 4,1 milhões de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs). No entanto, o número era 27% maior do que o apresentado no Painel de Leitos e Insumos do Ministério da Saúde. O mesmo ocorreu em dados relacionados a outros estados.

Gráfico 3 – Declarações por tipo de desinformação



Fonte: Elaboração própria, com base em Ponce & Rincón (2020)

Outra informação imprecisa dita pelo mandatário brasileiro ocorreu em 9 de junho. Ao tratar de um comunicado da Organização Mundial da Saúde (OMS), o presidente declarou que os assintomáticos não transmitiam o vírus, quando, na verdade, a entidade apenas havia informado que as chances de contaminação eram menores. Portanto, as declarações imprecisas apresentam meias verdades, que precisam de um contexto mais amplo para serem verdadeiras.

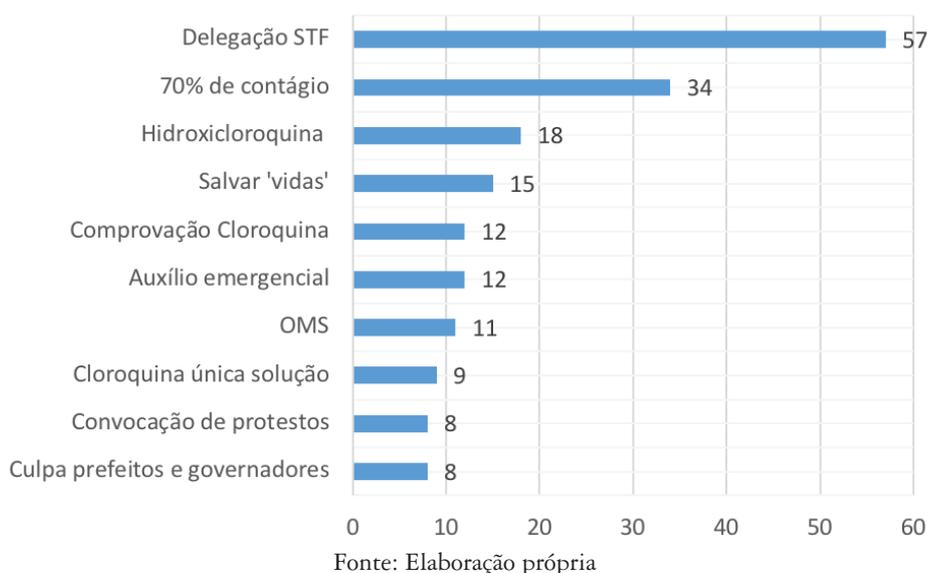
O segundo tipo mais comum de desinformação nos discursos de Bolsonaro sobre a covid-19 foram as declarações insustentáveis, com 132 falas. Em 27 de agosto, o presidente disse em *live* que se a hidroxicloroquina demorar em ser ministrada, as chances de óbito “aumentam assustadoramente”. No entanto, diversas linhas de pesquisa apontam que o uso da substância não traz melhoras no quadro clínico de pacientes, podendo até prejudicar o tratamento.

A contradição aparece como o terceiro tipo mais comum de desinformação. Em 21 de maio, Bolsonaro disse que, devido à sua idade, 65 anos, também precisaria ter cuidado com o novo coronavírus, pois estava no grupo de risco. Mas as suas atitudes iam justamente no sentido oposto, subestimando desde o início a doença e causando aglomeração em vários momentos.

Em seguida, aparecem entre os tipos mais comuns de desinformação as declarações totalmente falsas, com 29 frases, e aquelas exageradas, com 19. Nenhuma frase da nossa amostra proferida pelo presidente sobre a covid-19 tinha conteúdo 100% verdadeiro durante os nove meses analisados.

A quarta e última categoria analisa as declarações mais recorrentes de Bolsonaro sobre a pandemia da covid-19 entre os meses de janeiro e setembro de 2020. Para essa etapa, usamos como aporte teórico e metodológico os estudos de Van Dijk (1999, 2000, 2006). Segundo o **Gráfico 4**, as falas mais repetidas diziam respeito à decisão do STF de dar autonomia aos estados e municípios para adotar as medidas de prevenção que julgassem necessárias. A primeira frase foi proferida em 9 de abril, afirmando que “claramente o responsável por ações como imposição de distanciamento e isolamento social, quarentena, suspensão de atividades, bem como aulas, restrições de comércio e demais atividades quem decide é o respectivo governador ou prefeito”. Ao todo, essa mesma informação foi repetida 57 vezes durante os meses da coleta. No entanto, ela é falsa, uma vez que o STF não eximiu nenhum ente federativo de qualquer poder de responsabilidade, incluindo aí o governo federal.

Gráfico 4 – Desinformações mais recorrentes



Ao contrário do que Bolsonaro tentou defender, a decisão judicial reforçava a necessidade de cooperação entre as diversas esferas. A Corte havia decidido apenas que prefeitos e governadores tinham legitimidade para tomar medidas locais de restrição de circulação, não cabendo ao governo federal derrubar essas iniciativas. Van Dijk (1999) alerta que os líderes na política usam o discurso para controlar o contexto. Assim, a repetição exaustiva dessa desinformação tinha o objetivo de terceirizar a culpa pelas mortes e pelos prejuízos econômicos causados em decorrência da covid-19.

Cada vez que era confrontado sobre sua responsabilidade no enfretamento da crise, Bolsonaro recorria a essa declaração com o objetivo de controlar o tempo e o lugar do acontecimento. Portanto, manipulava o discurso para que as pessoas compreendessem que ele nada podia fazer diante dos problemas, uma vez que foi lhe tirada a autoridade ou o poder para decidir sobre a pandemia.

A segunda declaração mais recorrente dizia que “um país só estará imune ao vírus, já que não tem vacina, quando a maior parte da sua população for infectada e adquirir anticorpos”. A desinformação foi usada pela primeira vez em 29 de março e repetida outras 34 vezes durante os nove meses analisados. Ela é considerada insustentável, pois não havia estudos conclusivos que garantam que pessoas já infectadas se tornem imunes ao vírus. O discurso tem o objetivo de normalizar a contaminação e considerar que a exposição ao novo coronavírus pode ser positiva, já que “imuniza” a população. No entanto, não considera os graves riscos que a doença pode trazer para as pessoas, incluindo a hospitalização, sequelas permanentes e até mesmo a morte.

O objetivo de Bolsonaro era encontrar uma forma de defender a volta à normalidade, mesmo quando todas as orientações sanitárias recomendavam o isolamento e o distanciamento social. Van Dijk (1999) lembra que uma das estratégias para o controle discursivo da mente é projetar informações derivadas de crenças alternativas, principalmente quando os receptores não possuem o conhecimento necessário para desafiar os dados expostos, o que fica evidente no início da pandemia, em que nem mesmo a ciência e a medicina dispõe de todas as informações.

A terceira declaração mais repetida pelo presidente defendia a hidroxicloroquina para tratar da covid-19, dizendo que o uso da substância “está dando certo” no processo de recuperação da doença. Entre janeiro e setembro, a eficácia do medicamento foi 18 vezes atestada por Bolsonaro, mesmo sem estudo científico de larga escala que comprovasse tal informação. O próprio presidente admitiu, parcialmente, que o fármaco não tinha eficácia comprovada em 12 declarações. Em 13 de maio, ele disse em uma entrevista que a substância “pode dar certo, pode não dar errado”. Na mesma data, afirmou que “há quase um consenso na classe médica sobre esse assunto, a cloroquina”.

Verificamos que quando questionado sobre o fato do medicamento não ter comprovação científica para tratar da covid-19, o presidente usava de artifícios

linguísticos para confundir o receptor. Para Van Dijk (2000), é preciso entender qual a manipulação e o controle social pretendido com o discurso. Nesse caso, o objetivo era defender um medicamento que pudesse combater o novo coronavírus para que as medidas de isolamento social não fossem mais necessárias.

O resultado das declarações mais recorrentes de Bolsonaro sobre a pandemia constatou que a cloroquina foi o assunto que mais demandou atenção do presidente durante os meses analisados. Em outros nove discursos, ele considerou o fármaco como a única solução para tratar da covid-19. Em 4 de junho, Bolsonaro disse em *live* que “não tem outro remédio. Só tem a cloroquina”. Usando a repetição, ele buscava controlar o contexto e influenciar a forma como os receptores absorviam o acontecimento. Numa perspectiva mais crítica, Van Dijk (1999) chama esse processo de “modelos preferenciais”, isto é, um conjunto de elementos linguísticos coerentes com os interesses do líder, cujo objetivo é moldar a interpretação dos acontecimentos.

Cabe ressaltar que a retórica presidencial não é a única fonte de informação, existindo muitos outros discursos e crenças alternativas difundidas pelos meios de comunicação, pelas mídias sociais e nas relações interpessoais. Contudo, Van Dijk (2006, p. 23) considera que o “controle do discurso político” influencia não apenas a mente das pessoas como também as suas ações. Dessa forma, o presidente, como maior autoridade do governo, representa uma das instâncias mais privilegiadas no processo de formulação do discurso e seus efeitos podem atingir um grande número de pessoas.

Considerações finais

A pandemia da covid-19 marcou o ano de 2020 em todo o mundo. O Brasil foi um dos países mais atingidos. A atuação do presidente Jair Bolsonaro durante a crise pode ser medida a partir do teor dos seus discursos. A maior parte das suas declarações buscou minimizar os efeitos da doença; negar o grande número de mortes; e terceirizar a responsabilidade do governo federal. A prioridade de Bolsonaro foi salvar a economia e evitar a “morte de CNPJs”. O seu objetivo ao negar a realidade era defender a volta à normalidade da atividade econômica, mesmo quando a orientação médica era a quarentena e o distanciamento social, o que ficou claro com a campanha publicitária intitulada “O Brasil não pode parar”.

A nossa primeira hipótese era de que a maior parte das declarações do presidente sobre a pandemia fossem imprecisas ou insustentáveis, o que se confirmou. Muitas falas traziam dados sem contexto e em situações nas quais as premissas não podiam ser confirmadas ou refutadas. Somados, os dois tipos representaram um total de 70,8% de todo o *corpus*. A estratégia do presidente era justamente confundir o receptor num momento em que nem a ciência tinha todas as respostas sobre a doença. Para isso, buscou difundir crenças alternativas envolvendo a negação de sua gravidade e formas de tratamento sem comprovação da eficácia. No primeiro caso, passou a culpar a imprensa, classificando-a de “alarmista” e responsável por “causar pânico” na população, comportamento que também imputou aos governadores rivais, principalmente em relação às medidas de isolamento social. No segundo caso, defendeu o uso da substância hidroxicloroquina como forma de “curar” a doença, mesmo após uma série de pesquisas questionarem sua eficácia e alertarem para os efeitos colaterais nocivos.

A segunda hipótese era de que as declarações mais repetidas de Bolsonaro usavam a desinformação como abuso de poder. A análise a partir dos estudos críticos do discurso de Van Dijk confirmaram nossa expectativa. As falas mais recorrentes ditas pelo presidente tinham o objetivo de o eximir de qualquer responsabilidade como gestor público diante da pandemia. No entanto, o tema que mais predominou foi a defesa da cloroquina para o tratamento da covid-19. Bolsonaro tratou de encontrar uma “cura” para a doença com o objetivo de evitar as medidas de isolamento social, que paralisariam parte da economia. Portanto, a partir de Van Dijk (1999), a principal estratégia de manipulação discursiva de Bolsonaro foi o uso de informações baseadas em crenças alternativas, sem comprovação científica, para confundir o receptor. Van Dijk (2006) argumenta que as pessoas tendem a acreditar em afirmações que consideram de fontes autorizadas a tratar do tema. Por isso, o presidente usou frases como “há quase um consenso na classe médica sobre o assunto” para dar legitimidade ao seu discurso.

O uso da análise de conteúdo quantitativa combinada com a análise crítica de discurso nos permitiu captar tanto os aspectos mais amplos como também os detalhes presentes nas declarações mais recorrentes. Não obstante, também observamos algumas limitações. O banco de dados utilizado não registrou os discursos do presidente em todas as plataformas, como o Instagram. Além disso, categorias incluindo as instituições e os atores sociais citados poderiam ter sido

consideradas. No entanto, acreditamos que o essencial foi contemplado para a operacionalização da pesquisa. O fato de analisarmos o discurso de Bolsonaro nos meses em que a pandemia registrou o maior número de mortes na primeira onda nos permitiu concluir que, em meio à disputa pelo poder político, a vida dos brasileiros ficou em segundo plano para o presidente da República.

Referências

- ALLCOTT, H; GENTZKOW, M. **Social media and fake news in the 2016 election**. *Journal of economic perspectives*, v. 31, n. 2, p. 211-36, 2017.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa, Edições 70, 2010.
- CANAVILHAS, J; FERRARI, P. **Fact-checking: o jornalismo regressa às origens**. *Jornalismo em tempo de transformação: desafios de produção e de ação*, p. 30-49, 2018.
- CUNHA SANTOS, M; FOSSÁ, M. I. T. **A disputa pelo poder político em meio à pandemia de covid-19: análise do confronto entre João Doria e Jair Bolsonaro**. *Revista Panorama-Revista de Comunicação Social*, v. 10, n. 1, 2020.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- GRAVES, L. **Boundaries not drawn: Mapping the institutional roots of the global fact-checking movement**. *Journalism Studies*, v. 19, n. 5, p. 613-631, 2018.
- JACK, C. **Lexicon of lies: Terms for problematic information**. *Data & Society*, v. 3, p. 22, 2017.
- LAZER, D. et al. **The science of fake news**. *Science*, v. 359, n. 6380, p. 1094-1096, 2018.
- LISBOA, L A. et al. **A Disseminação da Desinformação Promovida por Líderes Estatais na Pandemia da COVID-19**. In: *Anais do I Workshop sobre as Implicações da Computação na Sociedade*. SBC, 2020. p. 114-121.
- LOWREY, W. **The emergence and development of news fact-checking sites: Institutional logics and population ecology**. *Journalism Studies*, v. 18, n. 3, p. 376-394, 2017.
- NIELSEN, R. K.; GRAVES, L. **“News you don’t believe”: Audience perspectives on fake news**. 2017.
- PONCE, M.; RINCÓN, O. **Fakecracia**. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2020.
- POSETTI, J; BONTCHEVA, K. **Disinfodemic. Deciphering COVID-19 disinformation**. UNESCO Policy Brief 1, 2020.
- RASQUEL, S. G. **A desinformação como estratégia de manipulação e abuso**

de poder no discurso político. Letras Escreve, v. 8, n. 2, p. 07-32, 2019.

RECUERO, R; SOARES, F. O Discurso Desinformativo sobre a Cura do COVID-19 no Twitter. In: E-Compós. 2020.

SEATON, J; SIPPITT, A; WORTHY, B. Fact Checking and Information in the Age of Covid. The Political Quarterly, v. 91, n. 3, p. 578-584, 2020.

TANDOC, E C.; LIM, Z. W.; LING, R. Defining “fake news” A typology of scholarly definitions. Digital journalism, v. 6, n. 2, p. 137-153, 2018.

TAVARES, L. P. et al. Análise dos discursos do Presidente Jair Bolsonaro em meio à pandemia: o coronavírus é só uma “gripezinha”? Research, Society and Development, v. 9, n. 7, 2020.

UNVER, Akin. Fact-Checkers and Fact-Checking In Turkey. EDAM Research Reports, 2020.

VAN DIJK, T. A. El análisis crítico del discurso. Revista anthropos: Huellas del conocimiento, n. 186, p. 23-36, 1999.

_____. El discurso como estructura y proceso. 2000.

_____. Discourse and manipulation. In: Discourse & Society. Vol. 17(2), London: Sage Publication, p. 359-383, 2006.